JORNAL da ANE

Associação Nacional de Escritores

Agosto 2016

ANO XI
nº 72

www.anenet.com.br

FONTES DE ALENCAR

José Peixoto Júnior

"Jardim de Sergipe", beira do mar, denominação com que a veia poética do Imperador Pedro II, em 1840, homenageou Estância, chão de nascença de Luiz Carlos Fontes de Alencar cujo calendário da vida mostrou a primeira página em 1933 e a última, sob as agudas flechas da Morte, no fim do primeiro semestre deste 2016. Descendente do Poeta de *Archotes* e *Orós* – Clodoaldo de Alencar, figura literária dos sertões cearenses onde avulta a Pedra da Galinha Choca, Fontes não escreveu em verso (que eu saiba), porém ofereceu poesia em textos elegantes constituintes da obra que emoldura o seu talento.

Enriqueceu em edições seguidas a última página do JORNAL da ANE na qual, com o vezo profissional da prova, parentesava referências.

Sua realização profissional ocorreu em ascensão perseguindo objetivos e atingiu o patamar de vida funcional. De advogado a Ministro do Superior Tribunal de Justiça, com destacada passagem pelo magistério de Escolas Superiores, contribuição inestimável para o Estado que lhe outorgou o gentílico. Distribuiu justiça no pretório e conhecimentos jurídicos nas salas de aula. Lecionou e julgou. Mudou-se para a "Capital da Esperança" e aqui espalhou no campo das Letras frutos do seu lavor intelectual. Homem cordial de riso fácil e gestos camaradescos, conquistou a todos.

Agradável, sábio, compus com ele diretorias da Associação Nacional de Escritores, entidade que presidiu (2009-2011).

Fiz-lhe vizinhança em propriedade rural – chácara na Fazenda Barreiros loteada, DF-11, sua casa de campo entesourada de livros, espaço onde lia e produzia.

Fontes de Alencar será uma ausência sentida.

POESIA EM VOZ ALTA

Fabio de Sousa Coutinho

Nos meses de agosto e setembro, o Auditório Cyro dos Anjos, na sede da ANE, recebe o projeto Poesia em Voz Alta, com uma série de três espetáculos: *Poesia para Brasília; Poesia, cordel e cantoria;* e *Poesia, memória e resistência*. Trata-se do primeiro projeto que a Associação Nacional de Escritores aprova no Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal (FAC-DF), numa iniciativa da atual diretoria. Com os recursos obtidos, será possível atender não apenas ao público habitual de nossos eventos tradicionais, mas também trazer convidados de outras cidades do Distrito Federal.

Continuação na página 5

MEMENTO MORI

Flávio R. Kothe

Eu morri ontem em Brasília, hoje estou no jazigo da família no Rio. Pouco a pouco vou me decompondo, como se tivesse destino e função. Em nossa família, temos de general a governador e presidente, pessoas de que meus colegas de trabalho nunca tiveram noção. Não quis despertar amores nem ódios que não me fossem devidos. Procurei ser justo e bom com amigos e familiares; cultivei e apoiei as artes; fui urbano e urbanista.

Continuação na página 9

OS MINIENSAIOS DE M. PAULO NUNES

Alberto da Costa e Silva

Há quem se dê, com constância e zelo, à vocação de servir. Como Manoel Paulo Nunes. Ele se quis professor, como missão e destino, e professor ficou sendo, mesmo depois que descansou das salas de aula, pois continua a nos dar lições pelas páginas dos jornais e das revistas, em artigos, geralmente breves, em que revela suas últimas descobertas e insiste em aliciar-nos para suas antigas paixões, como Machado de Assis, Eça de Queiroz, Manuel Bandeira e Graciliano Ramos, e para outras, mais recentes, como Jorge Luis Borges, José Saramago e Josué Montello. Sobre esses autores e sobre muitos mais, ele não hesita em nos dar uma palavra nova, convidando-nos muitas vezes a revisitar as obras que escreveram, iluminadas, já agora, pela argúcia da sua análise e pelo dom que possui de nos contagiar com a emoção afetuosa com que as leu e releu.

Continuação na página 5

RACHEL DE QUEIROZ E O VELHO CHICO

Danilo Gomes

Está fazendo sucesso a novela "Velho Chico", na TV Globo. Há quem goste de novela. Há quem não goste. Há quem aprecie a TV Globo. Há quem a deteste. Questão de senso estético ou de ideologia política. Cada um sabe de si, de seu gosto e sua escolha. O que quero dizer aqui é que tem bom público a novela de Benedito Ruy Barbosa, dirigida por Luiz Fernando Carvalho. Não vejo todos os capítulos, todos os dias. Minha patroa e eu vemos alguns trechos. É trabalho bem feito. Talentosos atores, como Antônio Fagundes, Chico Diaz, Domingos Montagner, Selma Egrei, Marcos Palmeira, a bela Dira Paes, Marcelo Serrado.

A história, com uma pitada de realismo fantástico, se desenrola no Nordeste e enfoca o Rio São Francisco, hoje tão maltratado. O dialeto da trama é interessante e quase exige um glossário para os jovens destes tempos de internet. Muitos cenários são bonitos.

Pois muito que bem, senhores.

Esses dias eu comecei a ler um livro de crônicas da grande e saudosa Rachel de Queiroz, "A donzela e a moura torta", da Editora Siciliano, l994. Estão ali enfeixadas 45 magníficas crônicas escolhidas. Trata-se da segunda edição. A primeira é de 1948.

Nesse livro da notável escritora cearense está também o Velho Chico. Que boa coincidência! TV e páginas de livro tratando do chamado Rio da Unidade Nacional.

O livro de Rachel abre as cortinas com duas crônicas sobre o famoso rio. A primeira intitula-se "O Grande Circo Zoológico" e foi escrita em fevereiro de 1944. Começa assim:

> "Se o título vale como anúncio, fique o anúncio. Que o Grande Circo Zoológico bem o merece. Tem feras, tem cavalos ensinados, tem globo da morte, trapezistas, meninas do arame, mágicos, acrobatas e três palhaços. Viajando, enche um navio gaiola de cima a baixo. E sua banda de música durante uma semana inteira alegrou toda a solitária extensão do São Francisco.
> Foi em Pirapora que entramos em contato com o Grande Circo. Nós examinávamos a gaiola que nos levaria rio abaixo através de Minas e Bahia até às terras de Pernambuco, quando vimos uns caminhões puxando cada um a reboque uma jaula."

A autora informa que, "durante toda a semana que durou a viagem, estabeleceu-se, muito sólida e sincera, uma grande amizade entre nós e todo o pessoal do circo."

A história termina com um delicioso caso de um cidadão que caiu na asneira de jogar pôquer com o mágico do circo e... perdeu feio. Pudera: jogar pôquer com astuto mágico circense ! – concluiu o veterano comandante do navio...

A segunda crônica tem por título "O Velho Chico". Foi também escrita em fevereiro de 1944. A mestra da crônica diz que os devotos do Rio São Francisco o tratam de Velho Chico não por confiança ou desprezo, mas por amor, por veneração. E aduz:

> "Quer o São Francisco é diferente dos outros rios: não sei se é sugestão do nome, xará de santo tão grande, mas a verdade é que o rio tem uma personalidade particular, jamais será um simples acidente geográfico, como estupidamente dão a entender as corografias – mas uma entidade poderosa, uma força, uma divindade que é preciso tornar propícia, amar. Falei em devotos. Sim, ele tem o seu culto. Tão bem organizado, tão fiel, quanto o culto de Iemanjá na Bahia – a Rainha do Mar."

E prossegue: "Mas não foi à toa que o São Francisco nasceu na serra da Canastra e é mineiro. Esconde-se; faz negaças.(...) Mas com os poentes e as manhãs, cada dia o rio se enterra mais no sertão e, com a distância, vai ganhando mistério.(...) Léguas e léguas de extensão desabitada – diz que ali tem onça, diz até que tem índio – mas ninguém vê nada, só as garças fazendo poses cabotinas para os turistas e os colhereiros rosados que parecem papagaios de papel vermelho no céu azulíssimo."

A saborosa crônica é uma verdadeira ode em prosa ao Velho Chico, uma celebração das belas paisagens que o grande rio percorre até desembocar no mar-oceano, passando por Januária, "a capital da cachaça", "o paraíso dos bêbados e a perdição dos sóbrios"...

Lá pelo término da fluvial viagem, a atilada cronista escreve: "Quando se entra na Bahia parece que a paisagem clareia e se alarga. O rio velho está mais imponente, mais à vontade. Tem escadarias de cais nas cidades onde pára, e nos dias de cheia ele sobe os degraus de pedra, em vez de se sujar nos barrancos desbeiçados. E começam a aparecer nos portos as laranjas, os tabuleiros das negras velhas, as esteiras coloridas, as bilhas de barro vermelho pintadas de branco. Todos se sentem em casa e gritam mais alto. É o Norte, a Bahia, Bahia já é o Norte! O Senhor do Bonfim anda à solta. Ali, naquele arruado que branqueja na beira do rio, passou Lampião. E se junta a roda para contar os casos de Lampião."

E conclui Rachel, antes do desembarque:

> "Passamos os penhascos gigantes da gruta do Bom Jesus da Lapa. Pouco adiante vê-se uma luz, na noite, o navio encosta. Demora uns dez minutos. O comandante, que sumiu durante a parada, volta sorridente:
> – Fui tomar a bênção à minha mãe.
> Realmente, um vulto curvo de velha, enrolado num fichu, acena com a lamparina, lá da terra.
> Mas todo o mundo fica pensando que o comandante foi tomar a bênção à Bahia."

A crônica seguinte, mais longa, ainda cuida do Velho Chico, mas com enfoque em Petrolina, Juazeiro, Crato (capital do Cariri), serra do Araripe, rumo de Fortaleza, no velho caminhão do Seu Silveira – uma aventura em tempos de guerra.

Quem certamente conhece de cor e salteado as crônicas desse e de outros livros da genial Rachel de Queiroz é o nosso querido confrade Edmílson Caminha. Além de ter sido amigo de sua ilustre conterrânea e seu hóspede em "Não Me Deixes", Edmílson Caminha é Grão-Duque da Crônica, gênero literário em que é exímio em grau máximo.

Soneto do Mês

LEANDRO E HERO

Laurindo Rabelo

O facho de Helesponto apaga o dia,
Sem que aos olhos de Hero o sono traga,
Que dentro de sua alma não se apaga
O fogo com que o facho se acendia.

Aflita o seu Leandro ao mar pedia,
Que abrandando por ela, a prece afaga,
E traz-lhe o morto amante numa vaga
(Talvez vaga de amor, inda que fria).

Ao vê-lo pasma, e clama num transporte –
"Leandro!... és morto?!... Que destino infando
Te conduz aos meus braços desta sorte?!

Morreste!... mas... (e às ondas se arrojando,
Assim termina já sorvendo a morte)
"Hei de, mártir de amor, morrer te amando."

(Seleção de Napoleão Valadares)

Associação Nacional de Escritores

SEPS EQS 707/907 Bloco F – Edifício Escritor Almeida Fischer
CEP 70390-078 – Brasília – DF
Telefones: (61) 3244-3576 / 3443-8207 / 3242-3642
E-mail: ane.df@terra.com.br

28ª DIRETORIA
2015-2017
Presidente: Fabio de Sousa Coutinho
1º Vice-Presidente: José Carlos Brandi Aleixo
2º Vice-Presidente:
Secretária-Geral: Maria da Glória Barbosa
1ª Secretário: Marcos Freitas
2º Secretário: Jolimar Corrêa Pinto
1º Tesoureiro: Salomão Sousa
2º Tesoureiro: Ariovaldo Pereira de Souza
Diretora de Biblioteca: Thelma Rocha Pinheiro
Diretor de Cursos: Edmílson Caminha
Diretor de Divulgação: Wílon Wander Lopes
Diretor de Edições: Afonso Ligório
Conselho Administrativo e Fiscal: Adirson Vasconcelos, Alan Viggiano, Anderson Braga Horta, Danilo Gomes, José Jeronymo Rivera e Napoleão Valadares

Jornal da ANE nº 72 – agosto 2016

Editor
Afonso Ligório Pires de Carvalho
(Reg. FENAJ nº 286)

Conselho Editorial
Anderson Braga Horta, Danilo Gomes, Edmílson Caminha e Adirson Vasconcelos

Revisão
Napoleão Valadares

Programação Visual
Cláudia Gomes

Composição e impressão: *Centro Editorial e Multimídia de Brasília.*
SIG. Qd. 8 - Lote 2356 - CEP: 70610-480 / Brasília - DF - (61) 3344-3738
www.thesaurus.com.br

Toda colaboração não solicitada será submetida ao Conselho Editorial.

NOSSO NAPOLEÃO, O IMPERADOR DA LÍNGUA

Edmílson Caminha

Pergunte-se a um brasileiro na faixa dos 60 anos, com o antigo segundo grau completo, que nomes de gramáticos lhe vêm à memória. Três serão citados, pelo menos: Evanildo Bechara, Celso Cunha e Napoleão Mendes de Almeida, o autor da *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*, que conheci em 1980, quando Paulo Peroba e eu o levamos a Fortaleza para palestras.

Tão fino e educado quanto vaidoso e imodesto, logo nos primeiros momentos deixou claro que ninguém, mais do que ele, sabia português, e que nenhuma gramática se escrevera, no Brasil, melhor do que a sua. Os concorrentes mais novos apenas o copiavam: "O que existe de bom, na gramática desse tal Sacconi, ele tirou da minha..." Profundamente conservador, julgava o modernismo "uma tristeza para a cultura", e desprezava autores como Bandeira, Drummond e Clarice Lispector: "não tenho lido, não tenho tempo", certo de que nossa literatura perdera a relevância depois de Alencar, Machado, Raimundo Correia, Alberto de Oliveira, Bilac e Euclides.

Talvez a luta para vencer na vida o fizera assim tão exigente, com os outros como consigo próprio. Nascido em Itaí, interior de São Paulo, em 1911, estudou letras clássicas e filosofia, com padres salesianos, e direito, no Largo de São Francisco Francisco. Em 1932, inicia carreira no magistério, que não dura mais do que um ano: tuberculoso, decidido a não se submeter à humilhação de salários aviltantes, passa dois dias a mendigar e a dormir nas ruas de São Paulo, até internar-se no sanatório para indigentes que havia em Campos do Jordão. Em 1936, sucede a João Ribeiro na coluna "Questões Vernáculas", do jornal *O Estado de S. Paulo*, em que, por mais de 40 anos, responderá a perguntas de leitores quanto às regras da língua. Dois anos depois, cria os primeiros cursos por correspondência no Brasil, de português e de latim. Em 1980, à mesa do jantar, recorda-nos o ceticismo da mulher: "Ensinar por correspondência em um país de ignorantes, como o nosso?! É claro que não vai aparecer ninguém! Você morrerá de fome!"

– Concluí, então, que tinha de escolher: o casamento ou os alunos a quem daria aulas pelo correio...

– E aí, professor?

A resposta vem com um risinho sarcástico:

– Os cursos estão aí, há 42 anos...

Na entrevista que deu ao *Estadão*, em 1990, conta de alguém que se inscrevera para as lições de Português, um certo Luís Inácio da Silva, quando presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo: "Pagou o primeiro mês de aulas por correspondência e não respondeu a uma sequer. De modo que não posso dizer nada da fraqueza do português dele."

Em 1943, Napoleão Mendes de Almeida lança a *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*, que chega a 2015 na 46ª edição, com mais de 500 mil exemplares vendidos, "a gramática de mais longa vida na história da literatura didática assim brasileira como portuguesa", segundo consta em uma das orelhas do volume de quase 700 páginas, vinte delas com elogios de alunos e ex-alunos, de todo o Brasil e de mais dez países. A obra tem, de fato, uma metodologia inovadora: em vez do índice geral, o autor simplesmente numera os parágrafos dos capítulos; no cabeçalho de cada página, põe os temas que nela se encontram (ortografia, substantivo, artigo, adjetivo...), com os números dos respectivos parágrafos. Ao termo do compêndio, um índice analítico, em ordem alfabética, apresenta ao leitor a localização exata do tópico que procura.

Em 1986, o gramático mergulha na filosofia e causa polêmica com a publicação do livro *Mensagem do Halley: Deus não existe* (edição bilíngue, em português e inglês), a propósito do cometa que novamente passaria pelo interior do sistema solar. É declaração surpreendente para um homem que, ele próprio reconhece, "nasceu no catolicismo e no catolicismo foi educado, até deixar uma congregação religiosa na véspera de renovar seus votos". Com honestidade intelectual, corajosamente nega a existência de um Criador, escreve *bíblia* com a inicial minúscula, aponta o mal que as religiões têm feito ao mundo e desmitifica patriarcas, profetas e santos: "Nem Moisés, nem Confúcio, nem Jesus, nem Paulo de Tarso, nem Maomé nem ninguém teve nem terá força para impor ordem não coordenada por todos. A verdade fundamenta-se na natureza, e não em pregadores."

Bom contador de histórias, narrava, divertidamente, o que lhe ocorrera um dia n'*O Estado de S. Paulo*. Por ordem expressa do diretor Júlio de Mesquita Filho, não se usava no jornal o substantivo *fracasso* – italianismo que, segundo o chefe, devia ser substituído por sinônimos de etimologia portuguesa, como, por exemplo, *malogro*. Certa feita, quis o gramático esclarecer a um consulente das suas "Questões Vernáculas" por que, em vez de *fracasso*, devíamos dar preferência a *malogro*. O fiel revisor, com o original em mão, fez o que mandara Dr. Júlio: onde havia *fracasso*, escreveu *malogro*, com o que ninguém entendeu o "samba do crioulo doido" em que se transformara a coluna, assim publicada, no português castiço do famoso gramático:

"Sempre que possível, convém escoimar o texto de estrangeirismos como *malogro*. Dispomos, em português, do correspondente *malogro*, que equivale à perfeição ao italianismo a que se refere o prezado leitor. Agora perguntamos: se temos, em nosso idioma, palavras de tão legítima formação, como *malogro*, por que dar preferência ao exótico *malogro* quando podemos, em muito melhor português, substituí-lo pelo vernáculo *malogro*?"

Napoleão Mendes de Almeida caiu de cama, e quase tem um infarto. Só viria a morrer em 1998, aos 87 anos. Vivesse agora, sem dúvida se indignaria com sermos governados por alguém que, sequer, "vai estar consultando" sua gramática, para aprender, no § 202, que "presidenta" não é o feminino de presidente...

(604) SONETO Nº 175, OP. 354
(Ao Fontes de Alencar)

Luiz Carlos de Oliveira Cerqueira

Chega um tempo que temos que aprontar as malas
Para a partida, pois tudo tem um fim, por certo.
Existimos enquanto mantemos despertos
O sonho, que é um batel sem rumo, sem escaladas!

Um dia não ouvimos mais as suas falas
E por onde você andava se faz deserto.
Uma tristeza imensa, um sentimento incerto
Rondam, assim, os quartos e as silentes salas...

O pensamento busca sua doce imagem
Que vem, nos beija a face e se esvai qual miragem
E, felizes, então, chorar nos dá vontade.

E agora, malas prontas, resta-nos partir,
E indescritível dor, certamente, há de vir
Nas lágrimas de louca e tremenda saudade!

HOMENAGEM DA ANE A GUIMARÃES ROSA

Com palestra do escritor Napoleão Valadares, a ANE homenageou, na Quinta Literária de 4 de agosto, a passagem dos 70 anos da publicação de *Sagarana* e 60 da de *Corpo de Baile* e *Grande Sertão: Veredas*. Na foto, o Presidente da ANE, Fabio de Sousa Coutinho, com o conferencista, momentos antes do início de sua palestra.

OBLÍVIO

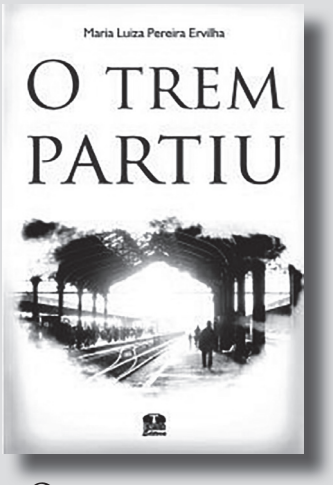
Emanuel Medeiros Vieira

NARRATIVA PARA OS MEUS SOBRINHOS (Vivos e Mortos)

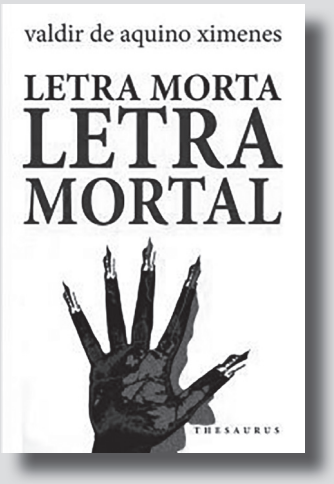
"É preciso lançar-se na aventura da vida. Quem quiser guardá-la há de perdê-la"
(Santa Teresa de Ávila)
Esqueceste-me.
Esqueceste-me?
Queria passar ao longe de qualquer "chorumela" (passo?) – céu plenamente azul, e mais um dia.
O tempo passou.
Não mudaste o país.
Não há métrica, rima.
Algo de mim (nós) ficará?
Bênção estar aqui ainda.
(Não é um texto sobre a danação.)
Além do esquecimento, tudo se derrete (celebridades, vaidades, cobiças, noticiários).
Ilhados todos.
Ficará a lembrança de um rádio de pilha, pipa, tainha frita, mar, mãe pai, irmãos, sobrinhos, amigos "encantados" ou não, lírios, orquídeas, pitangas, barcos, trapiches, riachos, campinhos – uma outra Ilha.
(**E o cheiro da grama molhada ao amanhecer**.)
"Não fazes mais parte deste mundo, de geringonças eletrônicas e de porteiros armados" – uma voz interior.
"Vais te repetindo" nessa busca da Ilha mítica"– outra voz.
"Ela acabou – desiste", decretam todos os alcaides e empreiteiros.
Sinto-me como um velho pistoleiro (que cai do cavalo e já não enxerga bem) – que vai tomar um trago num bar pé-sujo (está entardecendo).
Sobre a repetição:
"É que ninguém me escuta. Preciso insistir", retruco.
Uma primeira paixão que não foi na Ilha, o mundo parecia um paraíso, e tinhas 20 anos.
(Ninguém sabe que um dia existiu abricó.)
Aqui era mar.
Está tudo aterrado.
"E o humor, grandão"?", indagam Letícia, Alfredo David, Marcelo, Pepe e Fabrício – sobrinhos que algum anjo torto nos levou muito cedo.
"E a tua fé?", interpela o Arcanjo Miguel, do qual sou sincero devoto.
"Ela é ambivalente: está enraizada no meu coração, e é também uma pobre folha ao vento.

Acreditem: não é nostalgia – respondo (comovido).
Algo maior se foi.
E, então, num entardecer, alguém chegará perto de um túmulo (apenas duas datas: a da chegada e a da partida): é o mármore branco da minha rota peregrina.
(Brasília, maio de 2014)

Conheça a literatura de Brasília



O TREM PARTIU
Maria Luiza Pereira Ervilha
R$ 35,00 - 184 páginas



LETRA MORTA, LETRA MORTAL
Valdir de Aquino Ximenes
R$35,00 - 180 páginas

HISTÓRIA DA
LITERATURA BRASILIENSE
Luiz Carlos Guimarães da Costa
R$50,00 - 440 páginas

ACESSE NOSSO SITE:

WWW.THESAURUS.COM.BR
Frete grátis para todo o Brasil
Ou ligue: (61) 3344-3738

Continuação da página 1

POESIA EM VOZ ALTA

Fabio de Sousa Coutinho

Poesia em Voz Alta, sob a mediação do associado João Bosco Bezerra Bonfim, consiste na apresentação dos poemas dos convidados e também de clássicos de nossa literatura. Para o primeiro espetáculo, *Poesia para Brasília*, serão apresentadas obras de Anderson Braga Horta e de Alexandre Pilati. Os textos selecionados mantêm um intenso diálogo com nossa cidade. As vozes responsáveis por trazer a poesia estão a cargo de atores, com o auxílio de um músico, dirigidos pela diretora de cena, Cláudia Leal.

A dicção das obras terá o propósito de levar os participantes a percorrerem as camadas de sentido, sensações, melodia, imagens e sentimentos evocados. As apresentações farão com que a plateia saia do lugar de assistente e ocupe o de recriadores na fruição e interpretação dos poemas. Em cada espetáculo, os participantes poderão dialogar com os poetas.

Estudantes e professores de escolas públicas do Paranoá, Itapoã, São Sebastião, Varjão, Estrutural, Candangolândia, Núcleo Bandeirante e Plano Piloto serão trazidos ao Auditório da ANE e, além de assistir a essa mostra e de conversar com os escritores, estarão visitando uma das instituições mais antigas da cidade, cuja fundação se confunde com a da própria Capital Federal.

Anderson Braga Horta, um dos convidados, dispensa apresentações para a comunidade de leitores do JORNAL da ANE. Basta relembrar, então, sua condição de fundador de nossa Casa, do mérito de ser laureado pelo Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro. Sua dedicação às letras da cidade, por sinal, traz mais uma homenagem, este ano, com seu livro *Do que é feito o poeta*, lançado na própria ANE.

Alexandre Pilati, convidado também para o primeiro espetáculo, tem dedicado um bom espaço de sua obra para o cenário em que vive. Nascido em Brasília, o hoje pesquisador e professor de Literatura na Universidade de Brasília tem um precioso trabalho de poesia em que a cidade aparece como personagem ou inspiração, o que está presente em seu livro de estreia, *sqs 120 m2 com dce; pop up poemas.*

Em homenagem às tradições orais e melódicas do povo nordestino, o *Poesia, cordel e cantoria* trará, além da obra do poeta João Bosco Bezerra Bonfim, os cantadores repentistas João Santana e Valdenor de Almeida. Ambos já se notabilizaram no cenário nacional como ganhadores de torneios com outras duplas de repentistas célebres. Na apresentação, além da maestria do verso de improviso ao som da viola, trarão de maneira didática um pouco da história e das modalidades da cantoria, demonstrando a razão de essa arte ter-se espraiado dos estados nordestinos para todo o País.

A poeta Cristiane Sobral é a convidada para *Poesia, memória e resistência*, trazendo o lirismo combativo de seus cantares. Nascida no Rio de Janeiro mas tendo adotado Brasília como morada, Cristiane é também professora e atriz. Algumas de suas obras como *Não vou mais lavar os pratos* – título de um de seus livros – são célebres, já, na internet; igualmente popular na rede é seu *Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz*, também título de outro de seus livros. A irreverência e o lirismo se unem na obra de Cristiane, cujos poemas terão a companhia de algumas trovas burlescas, de Luís Gama, vate que se celebrizou pela maneira como utilizou-se dos versos para sua luta de resistência contra a escravatura.

Na condição de mediador e idealizador do projeto, João Bosco Bezerra Bonfim também terá alguns de seus poemas apresentados nos espetáculos. Segundo ele, embora óbvia a ideia de que poesia é uma modalidade literária para ser dita em voz alta, nossa tradição acaba deixando essa dimensão de lado, tal o poder que os livros em que foram impressos ganha. Distintamente de uma vocalização tradicional, a proposta é de trazer atores, para essa dicção: não uma cena dramatizada com base nos textos, mas uma busca da maneira como o poema pede para ser dito. Distintamente do que as pessoas comuns possam pensar, o fim da obrigatoriedade de compor nas métricas e padrões de rima tradicionais – como o soneto, por exemplo – há ainda exigências de natureza formal.

Para ser poesia, há que ter – também – melodia (*melopeia*); e os textos dessa natureza sempre se projetam no imaginário de quem os lê ou ouve (*fanopeia*); tudo isso a ser alcançado simultaneamente aos significados (*logopeia*). As lições de Ezra Pound podem e devem ser sempre trazidas, a fim de que o amor à arte da poesia seja alimentado. O *Poesia em Voz Alta* se faz oportuno, particularmente nesse conjunto de espetáculos, para os quais serão convidadas pessoas que não têm o hábito de ler, dizer ou ouvir poesia em seu sentido primeiro. Ainda que a escola traga poesia como conteúdo, o trabalho é voltado para as provas ou exercícios gramaticais. Nessas apresentações, haverá a busca pelas belezas e significados da linguagem poética.

A ANE, com o Poesia em Voz Alta, reafirma o compromisso de sua gestão com uma entidade cada vez mais a serviço de Brasília.

Continuação da página 1

OS MINIENSAIOS DE M. PAULO NUNES

Alberto da Costa e Silva

Mestre em resumir as lições, em vestir o pensamento de roupa limpa e bem passada, os seus textos breves, que não pedem mais do que um discreto pedaço da página de um periódico, lembram-me aqueles pequenos e agudíssimos artigos, de dimensões semelhantes ou ainda menores, depois reunidos nos diferentes volumes do *Nuevo Glosario* e do *Novísimo Glosario*, com que Eugenio d'Ors deu à Espanha e aos países de língua espanhola, na primeira metade do século XX, com a concisão e a pressa que esperam os leitores de jornais diários, aulas de tradição e modernidade, de universalismo e localismo. Pois é isso o que igualmente vem fazendo, há muitos anos, M. Paulo Nunes.

O ensaio curto cobra que se exponha, como se fosse uma única, várias ideias, sendo o equivalente do soneto, que pede do poeta que condense ou, talvez melhor, unifique emoções. E, como, a partir de uma coleção de sonetos, se pode desenhar ao menos o capítulo de uma biografia lírica, não é difícil, de um conjunto de miniensaios, montar, qual um painel de azulejos, a história de uma admiração como a de M. Paulo Nunes por Graciliano Ramos ou recolher com relativa fidelidade uma teoria da vida.

Da leitura dos vários livros em que se reúnem esses textos de M. Paulo Nunes, que apareceram primeiramente como artigos de jornal, ressalta o devotamento à sua província. Pelo Piauí, a que tem dado o melhor de si mesmo, em diferentes setores da organização e promoção da cultura, sempre esteve e continua a estar disposto ao bom combate. Homem de sua terra, modelo de intelectual apegado ao seu torrão natal, ele o mede, pesa e julga, no entanto, conforme os mais altos valores e as mais rigorosas exigências que, sendo do Ocidente, aspiram a ser universais. Não é nunca, por isso, no sentido pejorativo da palavra, provinciano.

Quando, dele distantes, o imaginamos, é sempre de livro aberto nas mãos. Pertence M. Paulo Nunes à espécie daqueles que não se cansam jamais da literatura, entre os quais se recrutam os que, como ele, exercendo a crítica, nos ensinam a ler em profundidade, a perceber os mistérios da forma e a amar a vida que se retece com palavras e que, no centro da alma, não hesitam em acreditar que uma sala forrada de livros é quase o Reino dos Céus.

TODA PALAVRA GUARDA UMA CILADA OU TORQUATO NETO, UM POETA CANTÁVEL

Paulo José Cunha

Manuel Bandeira dizia que a tarefa de fazer letra pra se encaixar numa melodia era de amargar. Nas parcerias com Villa-Lobos e Jayme Ovalle ("Vai, azulão, azulão, companheiro, vai...") limitava-se a achar palavras que fizessem corpo com o compasso e o sentimento da melodia. "Lidas sem a música, as palavras não valem nada", lamentava-se. "Tanto que nunca as aproveitei para outro fim". Pior, segundo ele, era ouvir do compositor: "Ah, você tem de mudar essa rima em mi porque a nota é agudíssima e fica muito difícil emiti-la nessa vogal".

Torquato Neto, o poeta da Tropicália, morto em 1972, não. Ao que se saiba, a única letra que fez sobre esboço de melodia foi o delicioso sambinha da Brasa Samba, de Teresina, em parceria com Silizinho, em 71. Gilberto Gil me contou que nunca fez melodia para Torquato botar letra. Nem Macalé. Torquato era que chegava com a letra pronta pra receber a melodia. No processo, faziam apenas pequenos retoques, corta aqui, apara um bocadinho ali, repete esse refrão acolá. Pronto. "Embora não tocasse nenhum instrumento, Torquato tinha muita sensibilidade musical. Quando escrevia uma letra já vislumbrava o acento emocional que uma determinada melodia ia dar. Era um esteta", disse Gil, parceiro em pérolas como "Louvação", "A Rua", "Geléia Geral", e tantas.

Por isso me atrevo a dizer que, em Torquato, a palavra não se "anulava" e muito menos se abastardava em contato com a melodia. O poeta Ronaldo Werneck ("Dentro & Fora da Melodia", nov. 2001), não considera *poesia* a palavra feita pra servir de letra de música, a menos que já se a produza com objetivo de ser mesmo obra poética. Veja-se Vinícius. Quando escreveu "Eu sei que vou te amar/ Por toda a minha vida eu vou te amar..." estava fazendo letra de música da melhor qualidade. Letra de música que, em quase todas as gravações, sempre se faz acompanhar da recitação do belo "Soneto da Fidelidade ("Em tudo ao meu amor serei atento..."). Mas não se leia em voz alta "Eu sei que vou te amar". Nem se tente pôr melodia nos versos do soneto. É quebração de cara na certa. Uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa. Tal como é difícil recitar em voz alta os versos de Bandeira para a canção de Ovalle: "Vai Azulão/ Azulão companheiro vai/ Vai ver minha ingrata/ Diz que sem ela/ O sertão não é mais sertão/ Ah, voa, Azulão/ Azulão, companheiro vai..." Assim como é igualmente difícil recitar, sem cair no mais atroz ridículo (que mestre Bandeira me perdoe por colocá-lo no mesmo balaio junto com Carlinhos Brown): "Poeira lá rá rá /capoeira lá rá rá/ Terça-feira capoeira lá lá lá/ Tô no pé de onde der lá rá rá rá..." Meu atrevimento ao citar Bandeira avec Carlinhos Brown tem o único objetivo de exemplificar essa diferença entre dois "gêneros" de composição, que em Torquato se confundiam. Formado em Drummond, Cabral, no próprio Bandeira e em todos os cantadores de feiras, sambistas e boleristas, Torquato exigia que sua palavra, quando cantada, mantivesse a mesma voltagem poética. Sim, fazia concessões, quase todas em função da métrica e da prosódia. "Vou fazer a louvação, louvação, louvação/ Do que deve ser louvado, ser louvado, ser louvado" só saiu com essas repetições porque o ritmo assim o exigia, caso contrário teria saído mais simples, seca e direta: "Vou fazer a louvação do que deve ser louvado". E pronto.

Em diversos outros exemplos (e os há em grande variedade, apesar da obra reduzida), Torquato esbanja poesia de alta criatividade e provocação. Aí vão alguns desses exemplos, citados de memória, montados em clip: "Ó, Deus vos salve essa mesa farta/ feijão, verdura, ternura e paz"; "Eu tenho um beijo preso na garganta/ eu tenho um jeito de quem não se espanta"; "Desde que saí de casa/ trouxe a viagem da volta/ gravada na minha mão"; "Conheço bem minha história/ começa na lua cheia/ E termina antes do fim"; "Pego um jato, viajo arrebento/ com roteiro do sexto sentido/ voz do morro pilão de concreto/ tropicália bananas ao vento". Augusto de Campos, na primeira edição de "Os Últimos Dias de Paupéria", organizado por Wally Salomão, primeira reunião da obra de Torquato (que não publicou livro em vida), diz que só um verdadeiro poeta para produzir versos com a qualidade de: "Mamãe, mamãe, não chore/ Eu quero eu posso eu fiz eu quis/ Mamãe, seja feliz". Sem falar em alguns trechos de "Louvação" que dá vontade de ferrar em bronze e colocar no meio da praça: "Louvo quem canta e não canta/ porque não sabe cantar/ mas que cantará na certa/ quando enfim se apresentar/ o dia certo e preciso/ de toda gente cantar". Versos que resistem sem melodia (leia em voz alta, experimente, grite e comprove). E olha que foram feitos para receber (belas) canções.

Já o Torquato-apenas-poeta (não necessariamente letrista) é incomparável. E, na maioria dos casos, "imusicável". Em raríssimos, como em "Go Back", até que a melodia dos Titãs, sobreposta aos versos, funciona. Mas é exceção. Noutros casos, sobretudo no terrivelmente belo "Cogito", todas as tentativas de botar melodia foram inúteis. Só serviram para abastardar aquele que alguns estudiosos consideram um dos mais belos textos poéticos em língua portuguesa.

Ou seja, pra finalizar: Torquato sabia fazer versos/letras que funcionavam até mesmo sem melodia. É só observar como as letras de suas músicas são recitadas em saraus poéticos por onde se anda. E funcionam bem quando faladas. Ao mesmo tempo, o poeta compunha versos puros e tão perfeitos que, sobre eles, a música não cabe, sobra. Pois Torquato bem sabia, como escreveu no trágico "Literato Cantabile", que "toda palavra guarda uma cilada". O poeta que abriu o gás aos 28 anos não caía em ciladas, criava as próprias. Sabia que todo gesto é o fim do seu início. E o resto é capoeira lá rá rá.

DOIS MÁGICOS POETAS

Em tradução de
Anderson Braga Horta

Miguel de Cervantes
(1547-1616)

Quem deixará, do verde prado umbroso,
as frescas ervas e as lustrais nascentes?
Quem, de seguir com passos diligentes
a solta lebre, o javali cerdoso?

Quem, com o canto amigo e sonoroso,
não prenderá as aves inocentes?
Quem, nas horas da sesta, horas ardentes,
não buscará nas selvas o repouso,

por seguir os incêndios, os temores,
os zelos, iras, raivas, mortes, teias
do falso amor que tanto aflige o mundo?

Do campo são e hão sido meus amores,
rosas são e jasmins minhas cadeias,
livre nasci, e em livre ser me fundo.

William Shakespeare
(1564-1616)

Mármor não há, nem áureo monumento,
Que sobreviva ao meu potente verso,
Mas tu nele terás mais luzimento
Do que a pedra, que ofusca o tempo adverso.
De Marte a espada arrasa a cantaria,
E as estátuas soverte-as o tumulto;
Mas nem da guerra o fogo apagaria
O vívido registro do teu culto.
Vencendo a morte, o teu louvor constante
Os pósteros lerão, até o momento
Em que tu mesma te erguerás triunfante
Para o final divino julgamento.
Assim, tu nos meus versos viverás,
E nos olhos dos que amam brilharás.

A INFORMAÇÃO DE LACRAU

Napoleão Valadares

Em *Grande Sertão: Veredas* encontram-se vários personagens reais, como Antônio Dó, Indalécio, João Duque, Alcides do Amaral, Prestes, Rotílio Manduca, João Brandão, Horácio de Matos, Melo Franco. Mas a grande massa dos personagens de Rosa, ou seja, a jagunçada, é fictícia.

É o caso de Lacrau, caboclo claro, homem de valia, conterrâneo de Jequitinhão. Possivelmente um foragido da cadeia, pois, como réu, tinha esfaqueado um promotor em sala de júri.

No cerco de Tucanos, quando os hermógenes atacavam há dias e já tinham fuzilado os pobres cavalos presos no curral, quando o chefe Zé Bebelo já tinha expedido cartas às autoridades de São Francisco e Vila Risonha, quando estavam feridos Nicolau e Leocádio, quando já eram mortos Simião, Acerejo, Acrísio, Aduvaldo, Berósio, Cajueiro, Evaristo Caitité, Jósio, Quiabo e Quim Pidão, levantaram do lado de lá um pano branco. Bebelo mandou que Mão-de-Lixa arribasse também de cá, na ponta dum rifle, um lenço de paz. Mensageiro vindo dos judas era Rodrigues Peludo, com tanta serenidade no falar, sob armas, com o chefe inimigo, que chegou a causar inveja a Riobaldo.

Rodrigues Peludo trouxe, em nome se seus chefes, a proposta de trégua. E voltou com a resposta. Mas Lacrau, que com ele viera, não voltou. Declarou ser um joca-ramiro e requereu fosse aceito entre os que vingavam a morte do grande chefe. Que risco correu nesse bandear! Que impressionante demonstração de coragem! Se Zé Bebelo não no aceitasse, voltaria com Rodrigues Peludo para o lado de lá, para a unha do Hermógenes, para um fuzilamento sumário. "Jagunço é homem já meio desistido por si..."

Lacrau ficou do lado dos bebelos. E foi quem, muito depois, revelou a Riobaldo que o Hermógenes tinha pacto com o diabo. E foi a partir dessa informação que começaram a acontecer transformações marcantes na vida de Tatarana. É claro que alguma coisa estranha já vinha acontecendo. Parece que a fagulha de sua liderança começou a ser atiçada na própria fazenda dos Tucanos, quando teve um bate-boca com o chefe Bebelo:

"O que regeu em mim foi uma coragem precisada, um desprezo de dizer; o que disse:

– O senhor, chefe, o senhor é amigo dos soldados do Governo...

Ele disse: – Tenho amigo nenhum, e soldado não tem amigo...

Eu disse: – Estou ouvindo.

Ele disse: Eu tenho é a Lei. E soldado tem é a lei...

Eu disse: – Então, estão juntos.

Ele disse: – Mas agora minha lei e a deles são às diversas: uma contra a outra...

Eu disse: Pois nós, a gente, pobres jagunços, não temos nada disso, a coisa nenhuma...

Ele disse: – Minha lei, sabe qual é que é, Tatarana? É a sorte dos homens valentes que estou comandando...

Eu disse: – É. Mas se o senhor se reengraçar com os soldados, o governo lhe apraz e lhe premeia. O senhor é da política. Pois não é? Ô gente – deputado...

Ele disse: – Escuta, Riobaldo, Tatarana: você por amigo eu tenho, e te apreceio, porque vislumbrei tua boa marca. Agora, se eu achasse o presumido, com certeza, de que você está desconcordando de minha lealdade, por malícias, ou de que você quer me aconselhar canalhagem separada, velhaca, para vantagem minha e sua... Se eu soubesse disso, certo, olhe...

Eu disse: – Chefe, morte de homem é uma só...

Eu tossi.

Ele tossiu."

Aqui Riobaldo enfrentava o chefe, desconfiado dele, vigiando-o, pensando matá-lo. Mas a grande e estranha mudança na vida do "pobre menino do destino" aconteceu quando ele foi à encruzilhada nas Veredas Mortas para fazer pacto com o diabo. Não fez. Não houve pacto, porque o diabo não compareceu. "O pacto nenhum – negócio não feito." A partir daí, porém, tudo se modificou. Tatarana passou por transformações tão profundas, que acabou por arrebatar a chefia de Zé Bebelo.

E, ao que parece, tudo isso se deu graças à informação de Lacrau, aquele apagado jagunço natural dos Gerais do Bolor, região do Jequitinhonha, que, na classificação geral, se encontra na quinta categoria: não foi chefe de subgrupo, não foi cabo-de-turma, não chefiou expedição, não foi vice-mandante, não foi contraguia. Mas foi o informante de Riobaldo.

Lacrau contou a Riobaldo que o Hermógenes era pactário. Para vencê-lo, só outro pactário. E, por isso, foi às Veredas Mortas. E se tornou chefe. E venceu o Hermógenes.

PELOS OLHOS DA LIBERDADE

Vera Lúcia de Oliveira

Zizinha, a bela, e Quincas, o Belo, viam o mundo pelos olhos da Liberdade. Belos e livres, viveram uma intensa história de amor. Zizinha era Eufrásia Teixeira Leite, a rica herdeira fluminense que se mudou para Paris. Quincas era ninguém menos que o jornalista, diplomata, político abolicionista Joaquim Nabuco, a quem o Brasil tanto deve. Jovens, belos, inteligentes e cultos começaram um relacionamento de amor e amizade ainda no navio que os levava à Europa naquele ano de 1873. Ambos na casa dos vinte anos de idade. O mar só foi o primeiro caminho, a primeira estrada que percorreram juntos. Trilharam outros mais, pois estavam inexoravelmente ligados pelas mãos do destino. Poseidon só emprestou seus cavalos fogosos para abrir o mar. O resto, a mãe Iemanjá faria, cumulando-os de dádivas.

É a história desses brasileiros interessantíssimos que a acadêmica Ana Maria Machado nos conta em seu belo romance *Um mapa todo seu* (Ed. Alfaguara, 2015), livro que não deixa morrer a história extraordinária de vida do pernambucano Joaquim Nabuco, que lutou contra tudo e contra todos para eliminar a escravidão do Brasil, nódoa que estigmatizava o país perante os próprios cidadãos de bem e perante o mundo civilizado. E Nabuco era incansável. Mesmo lutando contra todas as adversidades, todas as faltas, sobretudo a de recursos financeiros, nunca desanimou. Pelo contrário: cada obstáculo era um motivo a mais para a sua luta quixotesca. Enfrentou os moinhos de vento da aristocracia fundiária deitada em berço esplêndido, sustentada por aqueles que jamais viram a vida pelos olhos da liberdade e que, como o gigante Atlas, sustentavam um mundo imóvel nas suas costas – eles, os negros escravizados. E Joaquim lutou como os destemidos para reformar o Brasil, torná-lo um país mais justo. Diferentemente dos escravos hebreus da ópera *Nabucco*, de Verdi, foi o nosso Nabuco que entoou o coro pelos escravos. Belíssimo Quincas, o seu trabalho não foi vão! Um dia os ventos mudam, a História o diz.

E a dona do mapa todo dela? Sim, Eufrásia, a Zizinha, também traçou o seu destino. Após a morte dos pais, seguiu para a França, acompanhada da irmã implicante, a Chica, e da mucama Rita, sua guardiã, fixando residência em Paris, onde se tornaria a primeira mulher a atuar no mercado financeiro, por conta própria e com competência, pois tinha especial talento para os negócios. Em uma década, duplicou a já imensa fortuna recebida por herança dos pais e avós. *La brésilienne*, como era chamada, era admirada nos grandes salões parisienses pela inteligência, grande beleza, elegância, cultura, e outros dotes que o espírito refinado e o dinheiro podem oferecer. Coisa dos deuses. E, apesar de muito cortejada, só amou aquele que falou à sua alma, que deixou marcas tão profundas em seu coração, Quincas, o Belo. Tinha, porém, uma dúvida, uma hesitação, sobre o caminho a seguir: casar-se ou não? Teria medo de perder a liberdade, esta que, metaforicamente, gostou tanto de ver pelos olhos da Estátua da Liberdade e em cuja cabeça entrou na grande Exposição Universal de Paris, naquele setembro de 1878? A cabeça, que ainda se encontrava na França, antes de ser enviada aos Estados Unidos para se juntar ao resto do corpo já em Nova Iorque, que é, parece-nos, outra metáfora, a da França como "cabeça" das ideias libertárias, enquanto a América como um corpo ainda necessitado de cérebro, de razão, de ideias... Ver a cidade de Paris pelos olhos da Liberdade, reforçou o ímpeto da moça de traçar um mapa todo seu. Ou teria medo de perder o controle da própria vida, da sua fortuna, de um teto todo seu, lembrando Virginia Woolf, unindo-se ao homem-ilha, um sedutor – que também o era o Quincas – cercado de beldades por todos os lados? O que fazer? Lendo *Um mapa todo seu*, saberemos a resposta.

Saberemos essa resposta e muitas outras ainda sobre o caminho trilhado pelo nosso 'Patriarca da Liberdade', o intrépido e honrado Nabuco, que fez de sua voz um chicote nas costas dos defensores da escravidão negra no Brasil até a chegada da Abolição, em 1888. Bateu nos conservadores das cidades, nos barões do campo e em todos que quiseram calar o seu clamor. Nas tribunas e palanques emocionou com o talento de grande orador, com a verdade de suas palavras. Pôs a alma a serviço de sua paixão. Sem hesitar. Trilhou os caminhos da Liberdade e traçou um novo mapa humano para o nosso país.

Foi uma pena Castro Alves não ter visto isso...

TOMÁS MORE: PATRONO DOS GOVERNANTES E DOS POLÍTICOS

José Carlos Brandi Aleixo

O quingentésimo aniversário da publicação de *A Utopia*, em 1516, na cidade belga de Lovaina, oferece grande incentivo para refletir sobre a vida e a obra de seu célebre autor Tomás More. As múltiplas edições do livro em diversos idiomas e a excelente acolhida ao filme, de 1966, *A Man for All Seasons* (intitulado no Brasil *O Homem que Não Vendeu Sua Alma*), de Fred Zinneman, são eloquentes encômios a respeito dele.

Filho de pais abastados e influentes, nasceu e faleceu em Londres (1478-1535). Com estudos em Oxford e em outros famosos educandários, tornou-se advogado. Do seu casamento com Jane Colt (1505-1511), nasceram quatro filhos: Margaret, Elizabeth, Cecily e John. Viúvo, esposou Lady Alice. Seu lar acolhia genros, noras, netos e estava aberto a amigos e jovens à procura de orientação. Segundo biógrafos, foi de exemplar vida matrimonial.

Em 1504 elegeu-se, pela primeira vez, parlamentar. Em 1521 foi galardoado com o título de Cavaleiro. Em 1523 tornou-se Presidente da Câmara dos Comuns. Em 1529 Henrique VIII designou-o Chanceler. Era estimado pela integridade moral, competência, sutileza de pensamento, afabilidade e cultura ímpar.

Na primavera de 1515, a pedido do rei e de mercadores ingleses, juntou-se à Delegação enviada a Flandres para negociar tratados comerciais e diplomáticos. Dificuldades para reunir-se com os representantes da França e dos Países Baixos permitiram que More conversasse mais tempo com o amigo Erasmo de Rotterdam, autor de *Elogio à Loucura* e de *A Educação de Um Príncipe Cristão*. No mesmo período, em visita a Antuérpia — cidade com Feitoria portuguesa —, palestrou com o notável navegante lusitano Rafael Hitlodeu. Ambos conheciam bem autores helênicos e romanos e interessavam-se pela organização política dos povos. Rafael havia muito viajado, quer com Américo Vespúcio quer separadamente. Visitou a ilha "Utopia". More registrou os seguintes comentários do seu interlocutor:

> [...] a justiça da Inglaterra e de muitos países se assemelha aos mestres que espancam os alunos em lugar de instruí-los. Fazeis sofrer os ladrões pavorosos tormentos; não seria melhor garantir a existência a todos os membros da sociedade a fim de que ninguém se visse na necessidade de roubar primeiro e de morrer depois? A principal causa da miséria pública reside no número excessivo de nobres zangões ociosos, que se nutrem do suor e do trabalho de outrem e que para aumentar seus rendimentos mandam cultivar suas terras escorchando os rendeiros até a carne viva. [...]
>
> Eles subtraem vastos tratos de terra da agricultura e os convertem em pastagens; abatem as casas, as aldeias, deixando apenas o templo para servir de estábulo para os carneiros.
>
> A honra de vosso senhor e a sua felicidade consistem na riqueza de seus súditos mais ainda do que na sua própria. Os homens fizeram os reis para os homens e não os homens para os reis; colocaram chefes à sua frente para que pudessem viver comodamente ao abrigo das violências e dos ultrajes; o dever mais sagrado do príncipe é velar pela felicidade do povo antes de velar pela sua própria; como um pastor fiel, deve dedicar-se a seu rebanho e conduzi-lo às passagens mais férteis [...] A dignidade real não consiste em reinar sobre mendigos, mas sobre homens ricos e felizes.

Rafael louvou o General romano Fabricius, Cônsul de 282 a 275 a.C., que expressou: "prefiro governar ricos a eu mesmo ser rico". Faleceu pobre. Sabe-se que Pirro tentou, em vão, suborná-lo com presentes.

Em 1529 More exerceu, novamente, funções diplomáticas. Com Cuthbert Tunstall, em Cambrai (Cambraia), em negociações com representantes de Francisco I da França, e de Carlos V, da Alemanha e da Espanha, assegurou interesses da Inglaterra. More comemorou o êxito da missão na Igreja de Chelsea, cidade vizinha de Londres.

Em 1532 Tomás More demitiu-se do cargo de Chanceler. Em 1534 negou-se a aceitar a pretendida supremacia de Henrique VIII ("Act of Supremacy") como chefe da Igreja da Inglaterra. Não endossou o divórcio do Rei. De 17 de abril de 1534 a 6 de julho de 1535 viveu encarcerado na Torre de Londres. Textos redigidos durante sua dolorosa permanência nesse ergástulo foram publicados no livro *A Sós com Deus* pela Editora Quadrante, em São Paulo, em 2002.

More manteve o seu bom humor até o final da vida. Disse ao carrasco: "ajuda-me a subir ao cadafalso porque para descer não darei trabalho". Antes de ser decapitado, declarou: "Morro servidor fiel do rei, mas de Deus em primeiro lugar".

Tomás More grafou como seu epitáfio: "não odioso à nobreza nem desagradável ao povo, mas temido de ladrões, assassinos e heréticos". O irlandês Jonathan Swift (1667-1745), autor das *Viagens de Gulliver*, parco em elogios, enalteceu-o como "a pessoa mais virtuosa que este reino jamais produziu". Vladimir Lenin, em 1918, erigiu estátua sua no Jardim Aleksandrovsky, perto do Kremlin. Dele declarou Pio XI: "Homem verdadeiramente completo". João Paulo II, na Carta Apostólica *E Sancti Tomae Mori*, em 31 de outubro de 2000, proclamou-o "Patrono dos Governantes e dos Políticos". Nela se lê:

> Da vida e martírio de São Tomás Moro emana uma mensagem que atravessa os séculos e fala aos homens de todos os tempos da dignidade inalienável da consciência, na qual, como recorda o Concílio Vaticano II, reside o centro mais secreto e o santuário do homem, no qual se encontra a sós com Deus, cuja voz se faz ouvir na intimidade do seu ser. Quando o homem e a mulher prestam ouvidos ao apelo da Verdade, a consciência guia, com segurança, os seus atos para o bem. Precisamente, por causa do testemunho que São Tomás More deu, até o derramamento do sangue do primado da Verdade sobre o poder, é que ele é venerado como exemplo imperecível da coerência moral, mesmo fora da Igreja, sobretudo entre os que são chamados a guiar os destinos dos povos. A sua figura é vista como fonte de inspiração para uma política que visa como seu fim supremo o serviço da pessoa humana.

22 de junho é a data da comemoração litúrgica do martírio seu e do Bispo John Fischer.

Utopia não é ucronia. O que não há hoje em lugar algum, poderá existir amanhã algures.

O TEU RETRATO

Henriques do Cerro Azul

Estás distante, mas ficou comigo
(Oh! Que bela ilusão, que doce vinho
Que me ameniza esse pesar antigo...)
O teu retrato num postal de linho!

O lábio se abre num sorriso amigo
E murmura-me frases que adivinho.
Ah! é no teu retrato que consigo
Melhor fitar-te com maior carinho.

Ah! É no teu retrato, unicamente
No teu retrato que comigo trouxe,
Que furto às vezes o teu beijo ardente!

É assim que sempre te beijei, querida...
E é tão ardente esse ósculo e tão doce
Que julgo até que esse cartão tem vida!

BATINGAIS

Joel de Medeiros

Cheguei aos batingais
ao som dos pássaros
e à luz do sol do leste,
sob o abrigo da taipa
que hoje não existe.

Feito folha de outono,
sou ensaio simples
cheio de sentimentos,
em um crepúsculo
que me assiste.

Se a emoção descansa
na lembrança aberta
à luz de outro sol,
o meu tempo se vai
pelos batingais.

Continuação da página 1

MEMENTO MORI

Flávio R. Kothe

Nos últimos três anos, um câncer roeu minhas entranhas, partindo do fígado, consumiu as reservas físicas e financeiras que eu tinha. Pedi para me tirarem da UTI, pedi para morrer em casa. Sabemos como se lucra com a doença alheia. Sob a aparência de ajudar, quer-se tirar proveito.

Não contei a colegas e amigos que estava doente. Quando os encontrava, dizia que estava bem. E estava: não sentia dores. Só na fase terminal, por duas semanas, senti muita dor, aliviada por remédios mais pesados que morfina. Acabaram de acabar comigo. Entrei em coma, piedosa natureza, facilitando a passagem.

Cansei de trabalhar, cansei de ver gente, cansei de viver. Tenho agora a paz que a vida não deu nem a mim, nem a meu pai, nem a meu tio. Lamento a perda de alguns sorrisos, do carinho de minha companheira, de meus filhos. Todos terão de viver seu próprio destino. Não tenho mais sustos, decepções, traições, torturas que tanto marcaram minha existência. Num mundo injusto, tentei ser justo, sem conseguir torná-lo melhor.

Agora me abstenho de tudo, tudo se abstém de mim. Ficam as obras que construí, as lembranças dos amigos, os genes em meus filhos e netos. Passei por situações difíceis, tive de tomar decisões que preferiria não ter de tomar, provoquei ódios, gerei inimigos. Mesmo assim, tentei ser bom, lutando pelo que me parecia melhor. Pessoas houve que provaram não merecer o apoio que eu lhes havia dado. Algumas vezes, raras, como pedras preciosas entre o cascalho, pessoas me surpreenderam com gestos de bondade, palavras de gratidão.

Cultivei a beleza nos prédios que ajudei a erguer, pintei os quadros que pude, fotografei como melhor conseguia. Calei sobre a dor, ri sobre o que se podia rir. Meu humor era tragédia pelo avesso.

Nenhum dos filhos queria falar comigo sobre a doença que me consumia. Minha companheira sabia o que eu queria que fosse feito de mim quando nada mais eu pudesse decidir. O que nos torna todos iguais são dados negativos: dependência total do recém-nascido; fraqueza na doença grave; impotência na morte. Há quem creia ser igual por ter uma alma imortal, descender de Adão e Eva, ter sido salvo por Cristo: quanto mais incerta a fantasia, maior a crença. Não se quer a verdade nua e crua da finitude total nossa: tanto mais se insiste no erro dos homens de pouca fé e muita razão.

Poupei os amigos, só confiei a um, Aldo, a dor que passava e o que dela eu pensava. Eu me retirei como os elefantes velhos se retiram, para longe da manada, para a solidão da savana. Senti o carinho dos poucos que tinham ainda acesso a mim, foi bom saber que eu deixava um legado de bem querer. Assim fiz, enquanto tive consciência.

Nas últimas duas semanas, só de longe eu ouvia vagas vozes conhecidas; no tom de suas falas notei que se preocupavam comigo, gostariam de me reter, conviver comigo por mais anos. Procurei ser justo, não fui perfeito; procurei ser bom, cometi erros; quis amar, provoquei ódios. Na balança que vejo diante de mim, não posso, imóvel, ver o que há dentro dos pratos e que faz com que um esteja descendo enquanto o outro vai subindo.

Em breve, tudo isso não terá também a menor importância. Onde vemos qualidades, outros enxergam defeitos; onde vemos fraquezas, outros inventam virtudes. Quantas vezes criticamos enganos dos nossos antepassados, mas quantas vezes cometemos erros graves contra nós mesmos, como se fôssemos o nosso pior inimigo!

Afinal, seremos todos esquecidos, quando forem esquecidos os que ainda se lembrarem de nós. Talvez tenha havido vida na Lua, em Marte ou em planetas hoje inóspitos. Toda vida na Terra há de desaparecer. Ao me tornar inorgânico, eu volto à forma da qual viver foi uma exceção, um milagre. Assim me fundo e confundo com o eterno de onde viemos.

GUIDO GUERRA - ENTRE BAIONETAS, LIBELOS E LETRAS

Gilmar Duarte Rocha

Dias desses correndo os olhos pela minha humilde estante veio-me ao alcance das mãos um livro anoso, delgado, com lombada em visível estado de desgaste, e páginas flageladas pelo tempo. No dorso, o nome do autor que há tempo não mais ouvira falar: Guido Guerra.

A curiosidade abateu-me de imediato. O livrinho que sacava naquela hora era de um escritor que, volta e meia, estava sempre aprontando uma estripulia literária no tempo em que eu vivia na Bahia de São Salvador, principalmente nos anos turbulentos da época da primeira faculdade – período que compreendeu o ocaso da década de 70 e o princípio dos auspiciosos anos 80.

A obra que tinha em mãos, *O último salão grená*, não é o melhor e nem o mais famoso dos seus romances, mas tem indubitavelmente um valor incomensurável para mim: logo na primeira página está estampada uma singela dedicatória em meu nome e o famoso autógrafo/hieróglifo do engenhoso escrevinhador.

Clareou logo em minha mente a figura daquele pequeno grande homem, de aspecto frágil, abancado atrás da mesinha de autógrafos da Livraria Civilização Brasileira, com os ombros envergados, olhos fundos, sorriso tímido, óculos desproporcionais ao rosto delgado e apoiados sobre um imenso nariz de gaio. A fragilidade – no entanto – limitava-se ao aspecto: Guido era hercúleo no verbo e um titã na arte de traduzir em letras uma gama de mundos e criaturas, como bem citou no seu blog o jornalista Gutemberg.

Sua pena parecia uma metralha giratória, mormente na lide de vituperar os desvarios e incongruências do regime militar, temática essa que lhe custou mais de 17 inquéritos e um sem número de interpelações judiciais, e que lhe rendeu o rótulo de "papagaio devasso", cunhado por Jorge Amado, e o codinome "língua de trapo", cravado por Adonias Filho e outros amigos e literatos contemporâneos, talvez aí uma alusão ao nosso grande conterrâneo e arcadista, Gregório de Matos.

À parte os aborrecimentos e desatinos que o regime de exceção lhe causou, muito mais pelo incômodo do talento do que pela afiação da língua, enxergo hoje a obra de Guido mais densa e profunda do que em tempos de antanho. Aliás, o tempo é realmente o grande mensurador do valor do legado de um artista. Franz Kafka, o checo que transpirava alemão, não fosse a oportuna interferência do amigo Max Brod, teria atirado ao fogo verdadeiros diamantes literários por julgá-los sem verve nem maestria, como ele e muitos consideravam à época.

Pois bem: Guido Guerra, nascido em Santa Luz, alto sertão baiano, em 1943, era autor profícuo, criador de clássicos como *Lili Passeata*, *Quatro estrelas no pijama*, *Vila Nova da Rainha Doida, Vicente Celestino, o hóspede da tempestade*, dentre outros; ocupante da cátedra de número 5 da Academia Baiana de Letra (ABL); jornalista brilhante, tendo atuado nos principais periódicos soteropolitanos da época, e tecedor de pérolas da prosa brasileira. Exempli gratia, a formatação *cutting edge* da estrutura do romance *Lili Passeata*, onde ele mescla elementos de descrição, narração, dissertação, diálogo, digressão, colagem e epístola, sem descaracterizar o produto final.

Enfim, quando devolvi o livrinho *O último salão grená* ao seu lugar de descanso na estante, empecei a pensar que havia olvidado de algo. Estaria meu caro Guido ainda nesta encarnação? Nunca mais ouvira falar do seu nome, como mencionei nas primeiras garatujas deste texto.

Acorrendo ao nosso cibernético e multíplice Google®, vislumbrei com aperto no peito aquilo que o meu coração pressentia, mas que os meus olhos não assentiam: o mestre havia cruzado o tratado de Tordesilhas da vida há quase dez anos; numa triste quarta-feira do dia 7 de junho de 2006.

Se usasse o raciocínio lógico, teria inferido que, se o bardo estivesse no nosso plano, decerto a boca incendiária estaria a serviço das boas práticas democráticas, fosse qual fosse o meio de comunicação, expondo com coesão e clareza as suas ideias, misturadas com a picardia da autêntica pimenta malagueta da Bahia.

Nota: As obras completas de Guido Guerra, publicadas em sua maioria pela Editora Record, estão disponíveis em diversos sites na internet.

HENRIQUES DO CERRO AZUL

Sânzio de Azevedo

À Dr.ª Raimunda Serra Azul

Foi meu amigo nos tempos da juventude, aí pelos anos 50 do século passado. Nascido em Fortaleza no dia 4 de janeiro de 1936, viria ele a falecer em Brasília (onde residia desde 1963) no dia 1º de maio de 2015, como a meu pedido, me informou o amigo e escritor Edmílson Caminha, radicado no Distrito Federal. Cerro Azul, cujo nome civil era João Henrique Serra Azul, exerceu importantes cargos no campo jurídico e ao falecer contava 79 anos de idade.

Filho do poeta Serra Azul, amigo de meu Pai, Otacílio de Azevedo, tenho a impressão de ter visto Cerro Azul, pela primeira vez, na comemoração de um aniversário de meu irmão mais velho, o astrônomo Rubens de Azevedo. Impressionou-me a maneira como ele declamou um de seus poemas.

Ficamos amigos. Morava eu na Rua Jaime Benévolo e ele, na Rua Gonçalves Ledo, mas muitas vezes nos encontramos na Praça do Coração de Jesus, que poucos sabem se chamar Praça José Júlio. Dono de uma extraordinária memória, bastava eu dizer o nome de um poeta para que ele dissesse, desse poeta, inúmeros poemas, o que só era interrompido quando eu lembrava outro nome, do qual dizia inúmeros poemas, sem parar.

Tinha imensa admiração por Alberto de Oliveira e eu, só para brincar com ele, ao ouvir versos em que o poeta fluminense rimava uma vogal aberta com uma fechada (como "morre" com "torre"), disse um dia que Bilac não usaria rimas irregulares assim. E ele, imediatamente, lembrou o soneto III da "Via Láctea", que diz: "Vim de longe, seguindo de erro em erro, / Teu fugitivo coração buscando / E vendo apenas corações de ferro." Nunca vi ninguém com esse conhecimento e essa memória...

Havia outra coisa que Cerro Azul fazia, sem concorrentes: rodeado de amigos, começava a improvisar, como os cantadores do sertão. Mas, para que ninguém julgasse que os versos eram decorados, ia incluindo trechos sobre cada amigo que ia chegando.

Um dia, encontrei-o vestindo uma farda branca, com âncoras nas golas, indicando tratar-se de uniforme da Marinha, mas até hoje não sei por que ele estava com aquela farda...

Ao me transferir para São Paulo, em agosto de 1959, perdi por algum tempo o contacto com esse amigo, o qual, formado em Direito, advogou em Fortaleza mas se mudou para Brasília. Quando regressei depois de mais de seis anos, não me lembra como retomei relacionamento com esse amigo, com quem nunca mais estive pessoalmente.

Em 1969 enviou-me, com dedicatória amiga, seus *Sonetos e Poemas*, que teriam mais duas edições, em 1990 e em 2005.

Em fevereiro de 2006, surpreendeu-me com a oferta de seu primeiro caderno de poemas manuscritos, em cuja capa vem a data de 1956, quando ele tinha vinte anos de idade.

Desse caderno transcrevo o soneto "Prólogo":

"Ontem tive uma lépida alegria:
Pessoalmente conhecer-te pude;
Apertei tua mão serena e fria
No entono divinal da juventude.

A tua cabeleira se esparzia
Sobre os ombros; e, negra, ao vento rude,
Parecia brincar com a ventania
Em ímpetos de força e de saúde.

E me pediste um verso! (Ah! Meu Deus, quantos
Sem que tu me pedisses te fazia
Por mando deste amor com que me animas!)
E por isto hoje venho, ansioso e em prantos,
– Paga ao que prometi naquele dia –
Dar-te estas pobres, mas sinceras rimas!"

No citado livro *Sonetos e Poemas* há um soneto que, salvo engano, conheço desde os tempos da nossa mocidade. Trata-se de "Estátuas e Estrelas":

"Amar estátuas é querer estrelas!...
Por mais que apresses os morosos passos,
Todas hão de fugir pelos espaços
E tu jamais conseguirás detê-las.

Falsa miragem de teus olhos baços!
Ver as estátuas, mas, além de vê-las,
Querer o gozo de as amar, querê-las
Vivas e belas, e as querer nos braços!

E querer dominar a Natureza
Embebido em teu sonho mais fecundo,
Em teu sonho de glória e de grandeza...

E assim consomes tuas horas fátuas
Nessa loucura de abarcar o mundo,
Querer estrelas e adorar estátuas!"

Pertencendo a várias agremiações em Brasília, como o Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal, a Academia de Letras de Brasília, a Associação Nacional de Escritores, entre outras, emocionou-me ao me enviar, em 2000, a segunda edição de *Trânsito Onírico*, de 1991, com dedicatórias impressas à esposa, aos filhos, à memória do pai (o poeta Serra Azul), à Academia Taguatinguense de Letras e, por fim, "Aos irmãos Rubens de Azevedo, astrônomo, e Sânzio de Azevedo, poeta." No subtítulo, esclarece tratar-se de "Poesia lírica, com rimas proparoxítonas".

O poeta e ensaísta Anderson Braga Horta, no livro *Sob o Signo da Poesia* (2003), comentou o *Trânsito Onírico*, qualificando-o como "um *tour de force* que suponho inédito". Adiante, observa: "É óbvio que a rima esdrúxula necessária significa um condicionamento de grau máximo, de modo que esse exercício de mestria a que se entrega Cerro Azul, se de um lado lhe salienta o virtuosismo versífero, de outro lhe coarcta o fluxo da expressão poética. Mas é grande o domínio linguístico e o talento métrico do Autor."

Destaco desse livro "O Sol", em cinco dísticos de rimas emparelhadas:

"O Sol, o louro Sol, com seus venábulos,
rompe das trevas os conciliábulos...

E essa bênção de luz é um beneplácito
que doura o mundo num sorriso tácito...

E a luz é o cheiro do incensório sálmico,
e limpa o olhar como um colírio oftálmico...

Se despertam ao Sol, pelos meus cálculos,
milhares e milhares de animálculos...

É sob o Sol que nascem as crisálidas,
que viram flores que voejam, cálidas..."

Assim como seu pai, Serra Azul, havia celebrado astros e constelações em um livro, o mesmo faz Henriques do Cerro Azul em *A Poesia dos Astros ou as lendas do céu* (1992), que abre com esta dedicatória impressa: "Ao poeta, pintor e astrônomo Rubens de Azevedo, ofereço estes versos inspirados em seu belo livro *No Mundo da Estelândia*."

Uma vez que os nomes dos astros e das constelações têm origem na Mitologia clássica, a escritora Aglaia Souza, nas abas do livro, observa que suas páginas, "neste conturbado final de século, são de raro deleite, pelo fato de fazerem renascer a Fênix Helênica que é a Mitologia Grega".

Difícil tarefa é escolher, entre tantos poemas, um que represente esse livro do poeta. Escolho "Hemisfério Norte", a meu ver um dos sonetos mais felizes:

"No céu tu vês da Humanidade a História:
Essas constelações e essas estrelas,
se tu, de fato, te dispões a vê-las,
verás como são dignas de memória...

Vês ao Norte, com pompas e com glória,
um Dragão forte e duas Ursas belas,
uma Serpente se enroscando pelas
áureas veredas dessa estrada flórea...

Verás, também, uma princesa errante
e toda uma família apaixonada,
um Cisne e uma Coroa cintilante...

Se olhas, com amor, a Abóbada estrelada,
acharás uma história fascinante...
Mas se olhas sem amor não verás nada!"

Para encerrar estas evocações, lembro que, aí pelo final dos anos 50 do século passado, Henriques do Cerro Azul, Nonato de Brito e eu resolvemos tentar organizar um livro de poemas, que teria o incrível título de "Tríade de Sonhos". Nada posso dizer dos versos dos meus amigos, mas, quanto aos meus, se o livro tivesse saído penso que me teria arrependido amargamente...

A lembrança de Henriques do Cerro Azul, poeta e amigo, me fez voltar a uma época em que, para mim, tudo era sonho e descoberta, e, graças ao filho de Serra Azul, travei conhecimento com a poesia de muitos autores dos quais apenas ouvira falar...

UM SONETO DE DIRCEU RABELO

NO CÁRCERE DA DESMEMÓRIA

Quem dividiu comigo corpo e alma
e me dava alegria na tristeza
e que me aconselhava agir com calma
nos momentos difíceis de incerteza

hoje nada me diz e não reclama
disso que lhe aprontou a Natureza:
já não se lembra mais dos entes que ama
e sem cometer crime vive presa

nas algemas fatais da desventura
de carregar a cruz de um mal sem cura,
que fere muito mais o companheiro,

de quem se escuta agora esta mensagem:
chegando ao cais da última viagem,
dos dois é mais feliz quem vá primeiro.

POESIA E VIDA

Kori Bolivia

Palestra proferida no *IX Encuentro Nacional y XIV Internacional de Poetas y Escritores "José López Coronad"*, na cidade de Chota, Cajamarca, no Peru, de 13 a 16 de julho de 2016 (o texto foi traduzido pela autora para esta publicação).

Poderia começar contando-lhes que, ao receber a incumbência de falar por dez minutos, minha mente ficou em branco e, de repente, nela se repetia: Poesia e vida, poesia e vida. Depois dei uma olhada no temário proposto e continuavam batendo em minha cabeça essas três palavrinhas. Então o que podia fazer eu senão dizer que sim e aceitar essas palavras como título de nossa palestra.

Proponho oferecer um conjunto de pensamentos que seja duplamente o de quem lhes fala e, quiçá de certo modo, também o de vocês, para dar vida àquilo que levamos dentro, porém adormecido e desejando despertar.

Será poesia um mero gênero literário minoritário que não é apreciado porque não é entendido? Se bem seja verdade que poucos leem e a poucos se lhes dá de comprar livros de poesia, ela teve e tem tantos usos como formas de fazer-se conhecer. Desde tempos remotos povos houve que a usaram em suas lidas diárias cantando e trabalhando, os trovadores contando faustos heroicos, os apaixonados entregando o coração às suas amadas, os professores ensinando crianças e outros ouvintes ou leitores a se comportar ou reconhecer tipos de atitudes e um longo etc. até o momento. No entanto, muitos continuam dizendo que a poesia é um gênero que não se compra, que não se lê, que não se aprecia, em resumo: que não serve para nada.

Então, o que é poesia? A palavra existe não só em português e espanhol. Vem do grego (ποίηšιζ) *poíesis*, em francês *poésie*, *poetry* em inglês, ou em alemão *dichtkunst*: em todos os idiomas existe a poesia, em todo o mundo há poesia.

O *Larousse* de 1951 nos diz, entre outras coisas, que poesia "é o caráter daquilo que eleva a alma". A Real Academia Espanhola, em seu *Diccionario*, nos define, em tradução de quem vos fala, como a "expressão artística da beleza por meio da palavra presa à medida e à cadência, disso resultando o verso", mas também afirma que é "certo indefinível encanto que em pessoas, em obras de arte e ainda em coisas da natureza física, afaga e levanta o ânimo, infundindo-lhe suave e puro deleite". No *Diccionario enciclopédico Espasa*, na sexta acepção lê-se: "certo indefinível encanto que às vezes algumas pessoas, animais ou coisas têm".

Já no *Dicionário de filologia e gramática* de J. Mattoso Câmara Jr., em alusão a Murray afirma ele que: "A poesia caracteriza-se menos pelo uso de uma frase rítmica especial, chamada verso (v.), do que pelo intento capaz, coerente e sistemático de traduzir emoção: é uma linguagem que comunica antes de tudo afetividade."

Claro que não desejo ir até Platão nem a Aristóteles, e muito menos chegar além do que eles viveram no tempo. Nem pretendo, aqui, fazer uma aproximação científico-estética da poesia.

Mas, o que é a poesia para nós?

Um poeta e diplomata brasileiro, Márcio Catunda, nos traz, no poema "Poética", seu conceito de poesia: "I // A poesia supõe / a contemplação integral da paisagem. / A individualidade no centro das referências. / Do silêncio, emergem elfos invisíveis. / O resto é a memória / dos festins de evaporados perfumes. / A poesia borda a tessitura do pensamento. / É a transmutação do verbo em mito. / O estímulo anímico que sublima o Logos. / Abstração além da lógica. / Voz do anjo nos neurônios acendrados. / A poesia vem da espiral das constelações. / É um modo de respirar / que me sufoca de lucidez / e me desentristece, / na periferia dos tortuosos caminhos. / A poesia mostra o inexplicável. / Em seu nome, contabilizo indagações, / ritualizo a expectativa / e imagino a eternidade."

Permito-me recordar o romântico espanhol Gustavo Adolfo Bécquer, em tradução minha: "– O que é poesia? – dizes enquanto cravas / em minha pupila a tua pupila azul. / – O que é poesia? E és tu que me perguntas? / Poesia... és tu." Saiu-se magnífico, Bécquer! Mas, quem é "tu"? pergunto eu. Tu a bela com quem ele fala, a foto que tirei um dia de uma paisagem que me encantou, a menina que sem te conhecer um sorriso te dedicou, a mãe que acaricia o filho recém-nascido, o potrinho que corre atrás de sua mãe no campo, os alhos e cebolas com os quais nosso paladar se distrai, a água que jorra como pranto das rochas em meio do bosque ou, quem sabe, simplesmente, a necessidade que tem o poeta de saciar a fome ou a sede de sua vida?

Então, continuo com as indagações: O que é a vida? A Real Academia Espanhola nos dá, em tradução minha, uma série de respostas como: "Força ou atividade interna substancial, por meio da qual procede o ser que a possui; estado de atividade dos seres orgânicos; união da alma e do corpo." Vejam que bonita definição nos dava, também em tradução minha, o *Larousse* de 1951: "Resultado do folguedo dos órgãos, que concorre para o desenvolvimento e para a conservação do sujeito." E aqui uma das definições do *Dicionário Aurélio*, que diz:

"Conjunto de qualidades graças às quais animais e plantas, ao contrário dos organismos mortos ou de matéria bruta, se mantêm em contínua atividade, manifestada em funções orgânicas tais como o metabolismo, o crescimento, a reação a estímulos, a adaptação ao meio e a reprodução."

Quantas definições frias, técnicas. O bom de tudo é que Octavio Paz, em *La dialéctica de la soledad*, em tradução minha, escreveu: "Nossas vidas são uma diária aprendizagem da morte"; muito positivo, Calderón nos ensinou que "a vida é sonho"; e a poetisa peruana Mirian Caloretti Castillo, em três poemas, define, em traduções minhas: "A vida / é uma espiral / que começa e termina / / envolve / com sua base que cria / o céu que gira // emoção natural / pendular, contrária // nunca volta para trás / não tem porquê // surpreende, conspira / enamora / com seu néctar / e pedras que rolam // a vida é uma menina / que acaricia sua boneca rota".

No segundo poema diz: "A vida é um rascunho que corrige o atuado e o escrito / um cenário móvel / de papel / que se constrói / e se destrói / e o comprimem / e o reciclam / um jardim / onde nasce e morre / a beleza (...)" Já no terceiro, a define como "(...) um círculo que gira / em outros maiores // mistério obsessivo // descoberta que transforma // um pulsar solitário // encanto / drama desigual // algo que sempre é // um torno que amolda // quente / acelerado..."

E não é isso a vida? E a poesia, disse antes, sim, é uma necessidade, apesar de que também seja o ato de criar. A poesia que nos alimenta o espírito, porque nos permite comunicar o que levamos muito lá dentro de nós mesmos, de formar parte desse mistério que é a vida. Dessa realidade que nos rodeia e, em nossa máxima potência, nos permite a comunicação harmônica que nos une com o Universo permitindo-nos conhecê-lo melhor e participar dele e, às vezes, possibilita-nos, ao mesmo tempo em que criamos um poema, saber que outros seres humanos como nós, poetas, pensam da mesma forma, dão-nos a razão e até podem divergir de nossas palavras. Podem compartilhar nossos sentimentos com relação ao que lhes contamos, sentir as mesmas angústias, o mesmo amor, seguir nossas intuições, entender nossos silêncios, nossas sínteses às vezes tortas, às vezes certeiras; há pessoas que às vezes deixam cair alguma lágrima com nossas palavras tristes e fugidias e outras, quando já estivermos em outra dimensão, entenderão o que dissemos com nossas meias palavras e até poderão rir de nossos trocadilhos.

E a poesia como a vida está em cada um de nós, todos as temos, mas somente os poetas, os escritores e os criadores de arte, porque temos a capacidade de domar as palavras, as cores, os metais, as pedras, os sons e enfim colocá-los ao nosso bel prazer, conseguimos sentir essa necessidade de alimentar-nos com a poesia para continuar na vida, porque, na realidade, poesia e vida quase se confundem em nós. Há uns anos, ainda no século passado, inícios dos 80, escrevi o poema "Rosal de sueños", com o qual termino nossa palestra, em tradução minha: "Aqui me tens, / a vida na poesia, / a poesia na noite, / a noite na alegria. // Com as mãos estendidas, / o sorriso como estrela florida. // Aqui, agora, / sem pranto nem angústia, / de cara para a vida, / com o peito faminto / e uma roseira de sonhos. // ... Aqui me tens, / poema da alma."

Obrigada.

HAICAIS DO POETA ROMENO (RADICADO NOS EUA) TRAIAN NICOLA

The carpet of dry leaves
Is sighing beneath the hurried steps;
Autumn evening.

———

The canopy of heaven
Has descended upon the woods--
No, it is the lightning bugs!

———

Dog and master
Sleep beneath a dried-up tree
Dreaming of bygone days.

———

Candle lighted
With piety and regrets--
Mother has passed.

———

Thoughts of death--
Fear or welcome,
I am of two minds.

———

The cherry tree
Is weeping
Over its lost blossoms.

———

Pains and regrets
Fears and hopes--
Getting old...

———

Staring out the window
Thoughts far away--
Lost youth.

———

Snow!
Cheerfulness or annoyance--
Age barometer.

———

SOL A BRILHAR E FRIO DE RACHAR

Arlete Sylvia

"BRASÍLIA É MESMO UM MUSEU
A CÉU ABERTO"

Possui uma beleza indescritível que encanta e deslumbra os visitantes estrangeiros e brasileiros, bem como todas as pessoas que aqui residem e a amam incondicionalmente.

Seus belos monumentos idealizados pela ousadia de grandes mestres da Arquitetura e Urbanismo conhecidos mundialmente como Oscar Niemeyer e Lúcio Costa. Brasília foi reconhecida pela UNESCO como Patrimônio Cultural da Humanidade no ano de 1987.

Quando chega o inverno atinge o auge do encantamento.

"QUE MARAVILHA!"

Desabrocham com toda a força da Natureza: Gerânios, Buganvílias e os famosos e queridos Ipês com suas belas cores: lilás, brancas, vermelhas e rosas, e ainda vários tipos de Orquídeas, que contrastam com um Céu completamente Azul e sem nuvens, que inspiram os poetas e até os não poetas. Brasília é considerada uma " CIDADE FLOR," pois em toda parte por onde se passa encontram-se canteiros com vários tipos de flores.

Mas aí, junto com todo esse deslumbramento vem o frio que às vezes é generoso, porém em outras ocasiões se torna incompreensível que com todo aquele sol brilhante esteja um frio de rachar.

Quem vem do Sul do Brasil como também os estrangeiros acham perfeitamente normal, mas os nascidos e criados no Norte e Nordeste ficam assustados com a grande diversidade de clima no mesmo País, pois em seus Estados nunca souberam o que era frio.

Aí começa o dilema "Duas calças compridas, duas blusas ou camisas, casaco, luvas, cachecol, etc... e nada é capaz de amenizar o tempo gelado que em algumas madrugadas aproxima-se d "ZERO GRAU."

Porém nem sempre isso ocorre somente nas madrugadas, algumas vezes ele permanece durante o dia inteiro para a felicidade de uns e desespero de outros, que jamais haviam conhecido o que era frio. E diante de todo esse quadro imposto por uma sábia Natureza, ainda existe um detalhe importantíssimo e surpreendente para quem vem de outros Estados. É que durante o inverno não chove, são três a quatro meses que os brasilienses enfrentam uma umidade de ar igual ao Deserto de Saara, o que faz com que o Céu nos ofereça um intenso e belíssimo Azul, proporcionando todas as tardes um Crepúsculo tão encantador que é difícil encontrar palavras para descrever esta maravilha. As pessoas ficam extasiadas diante de tanta beleza que se torna inesquecível para todos aqueles que têm o privilégio de admirá-la.

Esta é a nossa querida Brasília tão amada não só pelos brasileiros mas também por todos os que a visitam, que imediatamente fazem planos de voltar para desfrutar de uma cidade ímpar, inigualável, que em algumas vezes chega a ser comparada com um deserto por seu clima.

Mas para posibilitar viver em Brasília foi criado e abençoado um lago artificial chamado " LAGO PARANOÁ." " É O NOSSO OÁSIS!" Lindo e generoso, sabe receber bem a todos que aqui estão ou vêem visitá-lo. Sem falar no prazer de apreciar vários tipos de embarcações navegando, que oferecem uma linda paisagem para deleite das famílias e amigos, há competições entre si bem como são realizados campeonatos de natação, além de proporcionar vida aos habitantes.

Brasília veio de um sonho profético de Dom Bosco e concretizado por nosso inesquecível e insubstituível Presidente Juscelino Kubitschek. Várias profecias e lendas surgiram com o nascimento de Brasília que é considerada uma das cidades mais místicas e belas do mundo.

JOIAS SEXAGENÁRIAS

Humberto Werneck

Não me canso de pasmar ante os desígnios do Criador, capaz de permitir que um retalho da superfície terrestre se tornasse a Place de la Concorde, em Paris, e outro, o inferno a céu aberto da Cracolândia paulistana. O mesmo digo das fatias de tempo em que Ele parcelou a eternidade. Por que, meu Deus, um ano brasileiro pôde ser este calamitoso 2016, e outro, seis décadas atrás, o cintilante, memorável 1956?

Eu estava lá. Para alguma coisa serve ter vivido tanto. Terceira – e última – idade. Indivíduo dos mais rodados, agora que se foram o Niemeyer e a dona Canô. Mas ainda em condições de lembrar o quanto 1956 foi bacana de viver – e não apenas para quem tinha 11 anos (sim, já tive) e presenciou ali um punhado de estupefacientes inaugurações, íntimas e coletivas. Entre estas últimas, a do campus futurista do meu colégio, o Estadual de Minas Gerais, nascido, aliás, na prancheta do Niemeyer. O qual, como se sabe, naquele ano seria convocado pelo presidente Juscelino para, em dobradinha com Lúcio Costa, plantar no nada do Planalto Central o delírio de Brasília, a cuja inauguração, aliás, conforme já contei, compareci, aos 15 anos, levado por meu pai.

Desculpe a contação de vantagens geriátricas, mas vivi em 1956 a largada dos Anos JK, a respeito dos quais o tempo pode ter feito baixar a névoa das mitologias, sem contudo toldar a realidade do que foi um dos períodos mais felizes deste merencório país. Até pessoas com mais de 11 anos achavam que o Brasil ia dar certo. No Rio, ainda capital da República, conta o Claudio Bojunga, magistral biógrafo de JK, você ligava para alguém e no fundo da conversa ouvia o tilintar do gelo no cristal do uísque.

Com o mau hálito existencial que lhes é peculiar, udenistas renitentes haverão de resmungar que foi ali, na construção da nova capital, que a inflação se pôs a galopar. Pode ser. Prefiro lembrar que aquele foi o tempo do Cinema Novo, da Bossa Nova, do teatro do Arena e do Oficina, da poesia concreta, de todo um caldeirão de estímulos capazes de nutrir o talento de adolescentes como o Chico Buarque, o Caetano Veloso e o Gilberto Gil, prestes a frutificar.

Na literatura, nem foi preciso esperar, pois nesse departamento 1956 abriu os Anos JK com brilho ainda hoje inigualado. Aquele foi o ano, antes de mais nada, do *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa – cuja publicação, entre outros efeitos, teve o de confirmar uma profecia de Graciliano Ramos. Em 1937, jurado num concurso, o escritor alagoano negou prêmio a um catatau intitulado *Sagarana*. Quando o livro saiu, em 1946, após criteriosa lipoaspiração, o severo juiz cantou a caçapa: o Rosa "certamente fará um romance, romance que não lerei, pois, se for começado agora, estará pronto em 1956, quando os meus ossos começarem a esfarelar-se". Falecido em 1953, o Velho Graça só não previu que na mesma fornada do *Grande Sertão* o colega mineiro desovaria as novelas de *Corpo de Baile*.

A dose dupla do melhor Guimarães Rosa já bastaria para fazer de 1956 um ano sem par nas letras brasileiras – mas houve mais naqueles abençoados 12 meses, que nos trouxeram também, com *Duas Águas*, nada menos de três livros novos de João Cabral de Melo Neto: *Morte e Vida Severina*, *Paisagens com Figuras* e *Uma Faca só Lâmina*. Foi o ano, ainda, dos romances *Doramundo*, de Geraldo Ferraz, *A Lua vem da Ásia*, de Campos de Carvalho, e *Vila dos Confins*, de Mário Palmério, e dos *Contos do Imigrante*, de Samuel Rawet.

Confesso que tardei a me dar conta da grandeza destes livros. Empanturrado das glórias embalsamadas da antologia colegial – escritor bom era escritor morto –, eu bracejava numa espessa e preconceituosa desinformação. Torci meu petulante nariz para as enrolações do Rosa, trocado nas primeiras páginas pelo pitoresco do Palmério, aquilo sim, regionalismo de verdade!

O que me resgatou das trevas foi outra joia do ano de 1956, *O Encontro Marcado*, de Fernando Sabino, romance do qual nos tornaríamos devedores, eu e minha geração. Vertigem, achávamos, a ser imitada na vida e na literatura. Só a minha geração? Suponho que também as seguintes, ou o romance não teria tido mais de 100 edições em 60 anos. Que livro! E que pique. "Moto-contínuo da alma ofegante", resumiu Antonio Candido.

Numa conversa que tivemos por ocasião dos 20 anos do *Encontro Marcado*, em 1976, Sabino lamentou ter jogado num só livro o que poderia ter rendido três. Estava ainda às voltas com a paralisia acarretada pelo sucesso do primeiro romance, angústia que só *O Grande Mentecapto* viria dissolver, em 1979. Mal disse aquilo e se corrigiu: ao jogar a cartada radical que Mário de Andrade lhe receitara, fez o que tinha de fazer. Sem parcimônia literária, chegou com tudo em 1956. Ainda bem. Sessenta anos depois, um ex-menino segue agradecido.